



Tessa Dare

«Encantador, apaixonante, cheio de vivacidade.»

PUBLISHERS WEEKLY

VENCEDORA
DO PRÊMIO RITA
MELHOR
ROMANCE
HISTÓRICO



Sete dias
para se
Apaixonar

TOP
SEL
LER

Capítulo 1



Quando uma rapariga se arrasta pela chuva à meia-noite para bater à porta do diabo, o diabo deveria ter pelo menos a depravação — senão a decência — de responder.

Minerva juntou as bordas da sua capa com uma mão, resistindo a outra fria e mordaz rajada de vento. Ela olhou com desespero para a porta fechada e, em seguida, bateu com a palma da mão.

— Lorde Payne — gritou ela, à espera que a sua voz atravessasse as tábuas de carvalho espessas. — Abra a porta! É a Menina Highwood. — Depois de uma pausa momentânea, esclareceu: — Menina Minerva Highwood.

Era deveras absurdo que ela precisasse de declarar precisamente *qual* Menina Highwood era. Do ponto de vista de Minerva, devia ser óbvio. A sua irmã mais nova, Charlotte, tinha 15 anos de exuberante, porém tenra, idade. E a mais velha da família, Diana, possuía não só a beleza angelical, mas também a inclinação para casar. Nenhuma delas era de modo nenhum o tipo de rapariga de sair da cama à noite, descer furtivamente as escadas das traseiras da pousada e encontrar-se com um libertino infame.

Mas Minerva era diferente. Sempre fora diferente. Das três irmãs Highwood, era a única de cabelos escuros, a única que usava óculos, a única que preferia botas resistentes de atacadores a sapatinhos de seda, e a única pessoa que dava importância à diferença entre rochas sedimentares e metamórficas.

A única sem pretendentes, sem reputação para proteger.

Diana e Charlotte vão safar-se bem, mas Minerva? Simples, estudiosa, distraída, desajeitada com cavalheiros. Por outras palavras, uma causa perdida.

Palavras da sua própria mãe, numa recente carta ao seu primo. Para piorar, Minerva não tinha descoberto esta descrição por espiolhar

correspondência privada. Ah não. Ela própria tinha escrito as palavras, ditadas pela Mamã.

Verdadeiramente. A sua própria *mãe*.

Como se não bastasse, o vento arrancou-lhe o capuz e a chuva fria atingiu-lhe o pescoço.

Deslizando para o lado o cabelo colado à bochecha, Minerva olhou para a antiga torre de pedra, uma das quatro que compunham o que ainda se mantinha do Castelo Rycliff. Fumo saía em rodopios pela abertura superior.

Ela ergueu o punho novamente, batendo na porta com força renovada.

— Lorde Payne, eu sei que está aí.

Que homem vil e provocador.

Minerva não sairia dali enquanto ele não a deixasse entrar, mesmo que esta chuva de primavera fria a encharcasse até aos ossos. Ela não tinha subido toda esta distância desde a aldeia até ao castelo, escorregando sobre afloramentos de musgo e percorrendo riachos enlameados no escuro, apenas para voltar pelo mesmo caminho para casa, derrotada.

No entanto, depois de um minuto inteiro a bater à porta sem sucesso, o cansaço da viagem instalou-se, prendendo-lhe os músculos das pernas e enfraquecendo-lhe a coluna. Minerva cambaleou para a frente. A sua testa bateu na madeira com um baque fraco. Manteve o punho levantado acima da cabeça, a bater na porta num ritmo constante e persistente. Ela podia muito bem ser simples, estudiosa, distraída e desajeitada, mas era determinada. Determinada a ser reconhecida, determinada a ser ouvida.

Determinada a proteger a irmã, a qualquer custo.

Abre, quis ela. Abre. Abre. Ab...

A porta abriu-se. Rapidamente, com um deslizar brusco e implacável.

— Pelo amor de mamas, Thorne. Não podes esperar por...

— Ah! — Apanhada sem amparo, Minerva cambaleou para a frente. O seu punho bateu vigorosamente não contra a porta, mas contra um peito.

O peito de Lorde Payne. O peito masculino, musculoso, despido dele, que provou ser apenas ligeiramente menos sólido do que uma tábua de carvalho. A sua pancada aterrou-lhe em cheio no mamilo achatado e masculino, como se fosse o próprio batente da porta do Diabo.

Pelo menos desta vez, o diabo respondeu.

— Bem. — A palavra ressoou através do seu braço. — Você não é o Thorne.

— V... você não está vestido. — E eu estou a tocar-lhe no peito nu. Oh... Céus.

Ocorreu-lhe o pensamento mortificante de que ele podia também não estar a usar calças. Ela endireitou-se. Quando retirou os óculos com os dedos trémulos e gelados, vislumbrou um borrão reconfortante de lâ escura abaixo da cor de pele do tronco dele. Bufou vapor para cada um dos dois discos de vidro unidos por metal, limpou o embaciado com uma dobra seca do forro da sua capa e depois voltou a pôr os óculos no rosto.

Ele ainda estava seminu. E, agora, perfeitamente nítido. A luz do fogo lambia-lhe imoralmente todas as feições do belo rosto, definindo-o.

— Entre, se quiser. — Ele fez uma careta desagradada quando soprou uma rajada de vento gelado. — Vou fechar a porta, de qualquer maneira.

Ela deu um passo em frente. A porta fechou-se atrás dela com um som pesado. Minerva engoliu em seco.

— Tenho de dizer, Melinda. Isto é deveras surpreendente.

— O meu nome é Minerva.

— Sim, claro. — Ele inclinou a cabeça. — Não reconheci o seu rosto sem o livro à frente.

Ela exalou, para que a sua paciência se esticasse. E esticasse. Até se expandir o suficiente para se adaptar a um libertino provocador com uma memória muito reduzida. E ombros surpreendentemente bem definidos.

— Vou admitir — disse ele —, esta não é a primeira vez que abri a porta a meio da noite e encontrei uma mulher à espera do outro lado. Mas você é certamente a menos aguardada até agora. — Ele lançou um olhar avaliador para a parte inferior do corpo dela. — E a mais lamacenta.

Ela examinou com lástima as suas botas enlameadas e a bainha suja. Não era nenhuma sedutora da noite.

— Não é uma *dessas* visitas.

— Dê-me um momento para digerir a desilusão.

— Eu prefiro dar-lhe um momento para se vestir. — Minerva cruzou a sala redonda de pedra sem janelas e foi direta para a lareira. Demorou o seu tempo a desatar os laços de veludo da capa, e em seguida colocou-a sobre a única poltrona da sala.

Parecia que Payne não tinha desperdiçado a totalidade dos meses passados aqui em Spindle Cove. Alguém se tinha dado a uma grande quantidade de trabalho para transformar este silo de pedra numa casa aquecida e quase confortável. A lareira de pedra original tinha sido limpa e posta a funcionar. Nela ardia um fogo suficientemente grande e feroz para deixar

um guerreiro normando orgulhoso. Além da poltrona estofada, a sala circular continha uma mesa e bancos de madeira. Simples, mas bem feitos.

Não havia cama.

Estranho. Ela olhou em redor. Um infame libertino não precisava de uma cama?

Finalmente, olhou para cima. A resposta pairava sobre o local. Ele tinha construído uma espécie de mezanino, acessível por uma escada. Cortinas luxuosas ocultavam o que ela assumiu ser a cama dele. Acima disso, as paredes de pedra espiralavam para o nada negro e cavernoso.

Minerva decidiu que lhe tinha dado tempo suficiente para encontrar uma camisa e tornar-se apresentável. Clareou a garganta e virou-se lentamente.

— Eu vim para pedir...

Ele ainda estava seminu.

Ele não tinha usado o tempo para se pôr apresentável. Tinha aproveitado a oportunidade para servir uma bebida. Estava de perfil, fazendo caretas para um copo de vinho, tentando avaliar a sua limpeza.

— Vinho? — perguntou ele.

Ela abanou a cabeça. Graças à exibição indecente dele, um rubor descontrolado já lhe ardia na pele. A subir-lhe pela garganta, sobre as bochechas, até à linha do cabelo. Não precisava de vinho para ficar afoguada.

Enquanto ele se servia de um copo, ela não conseguia deixar de lhe olhar para o tronco elegantemente musculado, tão oportunamente delineado pela luz do fogo. Ela estava acostumada a pensar nele como um demónio, mas ele tinha o corpo de um deus. Um deus inferior. O seu físico não era o de um corpulento e mais musculoso Zeus ou Poseidon, mas sim um elegante e atlético Apolo ou Mercúrio. Um corpo construído não para combater, mas para caçar. Não para cortar madeira, mas para correr. Não para dominar náiades distraídas onde se banhavam, mas para...

Seduzir.

Ele olhou para cima. Ela desviou o olhar.

— Lamento tê-lo acordado — disse ela.

— Não me acordou.

— A sério? — Ela franziu o sobrolho para ele. — Então... durante o tempo que demorou a atender a porta, podia ter vestido alguma coisa.

Com um sorriso diabólico, ele indicou as calças.

— Eu vesti.

Bem. Agora, as bochechas dela começaram a arder. Ela deixou-se cair na poltrona, desejando que pudesse desvanecer pelas costuras.

Pelo amor de Deus, Minerva, controla-te. O futuro de Diana está em jogo.

Pousando o vinho sobre a mesa, ele moveu-se até umas prateleiras de madeira que pareciam servir de guarda-roupa. Ao lado, uma fileira de cabides pendurava os seus casacos. Um casaco vermelho de oficial, para a milícia local que liderava na ausência do conde de Rycliff. Alguns casacos luxuosamente feitos à medida e de aparência escandalosamente cara, vindos da cidade. Um sobretudo cinzento de lã.

Ele passou a vista por esses todos, agarrou numa camisa simples e enfiou-a pela cabeça. Assim, introduziu os braços nas mangas, estendendo-os um para cada lado para ela apreciar.

— Melhor assim?

Nem por isso. A gola aberta ainda mostrava uma vista ampla do seu peito — apenas com um lascivo piscar de olhos em vez de um olhar franco. Quando muito, ele parecia mais indecente. Menos um deus intocável e bem definido e mais um rei pirata depravado.

— Tome. — Ele tirou o sobretudo do cabide e trouxe-o até ela. — Está seco, ao menos.

Assim que colocou o sobretudo no colo dela, pressionou-lhe o copo de vinho na mão. Um anel de sinete brilhou no seu dedo mindinho, lançando um feixe dourado através do pé do copo.

— Não discuta. Você está a tremer tanto que consigo ouvir os seus dentes a tiritarem. A lareira e o casaco ajudam, mas não a conseguem aquecer por dentro.

Minerva aceitou o copo e tomou um gole cuidadoso. Os seus dedos tremeram de facto, mas não inteiramente por causa do frio.

Ele puxou um banco, sentou-se nele e fitou-a com um olhar de expectativa.

— Então.

— Então — repetiu ela, estupidamente.

A sua mãe tinha razão a este respeito. Minerva considerava-se uma pessoa razoavelmente inteligente, mas, meu Deus... os homens bonitos faziam-na estúpida. Ela ficava tão atrapalhada perto deles, nunca sabia para onde olhar ou o que dizer. A resposta concebida para ser espirituosa e inteligente saía com um tom amargo ou parvo. Às vezes, uma observação provocadora da parte de Lorde Payne deixava-a completamente num silêncio aparvalhado. Apenas alguns dias depois, quando estava a bater

com um martelo de rocha na face de um penhasco, lhe vinha a resposta perfeita à cabeça.

Extraordinário. Quanto mais ela olhava para ele agora, mais conseguia sentir a sua inteligência a diminuir. A barba de um dia só lhe realçava mais o ângulo forte do maxilar. O cabelo castanho despenteado dele tinha apenas ligeira ondulação malandra. E os olhos... Ele tinha olhos como diamantes de Bristol. Pequenos geoides redondos, cortados ao meio e polidos até brilharem. Um anel exterior de um impiedoso tom castanho-avelã circundava laivos frios de quartzo. Uma centena de tons cristalinos de âmbar e cinzento.

Ela fechou os olhos. *Para de hesitar.*

— Você pretende casar-se com a minha irmã?

Segundos passaram.

— Qual delas?

— A Diana — exclamou ela. — A Diana, é claro. A Charlotte só tem 15 anos.

Ele encolheu os ombros.

— Alguns homens gostam de uma noiva jovem.

— Alguns homens desistem completamente do casamento. Você disse-me que era um deles.

— Eu disse-lhe isso? Quando?

— Você lembra-se certamente. Naquela noite.

Ele olhou para ela, obviamente perplexo.

— Nós tivemos «uma noite»?

— Não como está a pensar. — Há meses, ela tinha-o confrontado nos jardins de Summerfield acerca das suas indiscrições escandalosas e intenções para com a sua irmã. Eles tinham discutido. Depois, de alguma forma, tinham-se *emaranhado* — fisicamente — até que alguns insultos mordazes cortaram o nó.

Maldita seja a sua natureza científica, tão implacavelmente observadora. Minerva ressentia os pormenores que tinha reunido nesses momentos. Não precisava de saber que o último botão do colete dele estava exatamente ao mesmo nível que a sua quinta vértebra, ou que ele cheirava levemente a couro e cravinho. Mas mesmo agora, meses depois, ela não parecia capaz de descartar a informação.

Especialmente quando estava sentada aconchegada no sobretudo dele, envolvida por um calor emprestado e pelo mesmo odor apimentado e masculino.

Era natural que ele se tivesse esquecido completamente do encontro. Não era surpresa nenhuma. Na maior parte dos dias, ele nem conseguia sequer lembrar-se do nome de Minerva. Se falava com ela, era só para provocar.

— No verão passado — lembrou-lhe ela —, você disse-me que não tinha intenção de pedir a mão da Diana. Ou de ninguém. Mas, hoje, pela coscuvilhice na aldeia, a coisa é diferente.

— É? — Ele torceu o anel de sinete. — Bem, a sua irmã é linda e elegante. E a sua mãe não escondeu de ninguém que gostaria da união.

Minerva enrolou os dedos dos pés nas botas.

— Isso é dizer pouco.

No ano anterior, as Highwood tinham chegado a esta vila à beira-mar para umas férias de verão. Era suposto o ar do mar melhorar a saúde de Diana. Bem, a saúde de Diana tinha há muito tempo melhorado e o verão já tinha acabado, no entanto, as Highwood permaneciam — tudo por causa das esperanças da mamã por um noivado entre Diana e este visconde encantador. Enquanto Lorde Payne continuasse em Spindle Cove, a mamã não queria saber de voltar para casa. Até tinha desenvolvido um certo otimismo incaracterístico — declarando todas as manhãs enquanto mexia o chocolate «Tenho um pressentimento, meninas. Hoje é o dia em que ele faz o pedido.».

E, apesar de Minerva saber que Lorde Payne era o pior tipo de homem, nunca tinha sido capaz de se opor. Porque ela adorava estar aqui. Não queria ir embora. Em Spindle Cove, ela finalmente... sentia-se em casa.

Aqui, no seu próprio paraíso pessoal, explorava a costa rochosa e repleta de fósseis, livre de preocupações ou censuras, a catalogar descobertas que despertariam a atenção da comunidade científica de Inglaterra. A única coisa que a impedia de ser completamente feliz era a presença de Lorde Payne — e por uma das ironias estranhas da vida, a presença dele era a mesmíssima razão pela qual ela podia ficar.

Não tinha parecido haver mal em permitir que a mamã alimentasse esperanças de um pedido de casamento da parte de Lorde Payne. Minerva sabia que não haveria pedido algum.

Até esta manhã, quando a sua certeza se desmoronou.

— Hoje de manhã, eu estava na loja All Things — começou ela. — Normalmente ignoro as coscuvilhices da Sally Bright, mas hoje... — Ela engoliu em seco e em seguida olhou para ele. — Ela disse que você tinha

dado instruções para lhe reencaminharem o correio para Londres, depois da próxima semana. Ela pensa que se vai embora de Spindle Cove.

— E a menina concluiu que isso significa que me vou casar com a sua irmã.

— Bem, todos conhecem a sua situação. Se tivesse um tostão para mandar cantar um cego, já se teria ido embora há meses. Está encalhado aqui até a sua fortuna ser liberada do fundo no seu aniversário, a não ser...

— Ela engoliu em seco. — A não ser que se case primeiro.

— Isso é tudo verdade.

Ela debruçou-se para a frente na cadeira.

— Eu vou-me já embora, se ao menos repetir as palavras que me disse no verão passado. Que não faz tenções de casar com a Diana.

— Mas isso foi no verão passado. Estamos em abril agora. É assim tão inconcebível que eu possa ter mudado de ideias?

— Sim.

— Porquê? — Ele estalou os dedos. — Eu sei. Acha que eu não sou de mudar de ideias. É esse o problema?

Ela sentou-se na ponta da cadeira.

— Não consegue mudar de ideias, porque você não *mudou*. É um libertino, aldrabão e falso, que namoriska senhoras ingênuas de dia e envolve-se com as esposas de outros homens à noite.

Ele suspirou.

— Oiça, Miranda. Desde que a Fiona Lange se foi embora, eu não...

Minerva ergueu a mão. Não queria ouvir falar do caso dele com a Sra. Lange. Tinha ouvido mais do que o suficiente da mulher em questão, que se tinha considerado uma poetisa. Minerva desejava poder apagar esses poemas da cabeça. Odes irreverentes que esgotavam todas as rimas possíveis de «palpitação» e «rejúbilo».

— Não pode casar com a minha irmã — disse-lhe ela, com uma voz mais firme. — Não permitirei.

Como a sua mãe gostava tanto de dizer a todos os que ouvissem — Diana Highwood era exatamente o tipo de jovem rapariga que poderia ganhar um lorde jeitoso. Mas a beleza exterior de Diana não era nada comparada com a sua natureza doce e generosa e a coragem tranquila com que tinha enfrentado a doença durante toda a vida.

Certamente, Diana *podia* arranjar um visconde. Mas não *devia* casar com este.

— Você não a merece — disse ela a Lorde Payne.

— Verdade. Mas ninguém consegue o que realmente merece nesta vida. Como é que Deus se divertiria assim? — Ele tirou o copo da mão dela e sorveu um gole lânguido.

— Ela não o ama.

— Ela não desgosta de mim. O amor não é bem um requisito. — Debruçando-se para a frente, empoleirou o braço sobre o joelho. — A Diana seria demasiado bem-educada para recusar. A vossa mãe ficaria felicíssima. Você poderia estar a chamar-me «irmão» já no domingo.

Não. O seu corpo todo gritou a rejeição. Todos os corpúsculos.

Arrancando o sobretudo emprestado, ela levantou-se de imediato e começou a andar de um lado para o outro sobre a carpete. As dobras molhadas das saias emaranhavam-se enquanto ela se movia.

— Isto não pode acontecer. Não pode. Não *vai*. — Um pequeno rosido conseguiu sair por entre os seus dentes cerrados.

Ela cerrou os punhos.

— Tenho 22 libras das minhas poupanças. Isso, e uns trocos. O dinheiro é seu, todo, se prometer deixar a Diana em paz.

— Vinte e duas libras? — Ele abanou a cabeça. — O seu sacrifício de irmã emociona-me. Mas essa soma não me sustentaria em Londres por uma semana. Não da maneira como vivo.

Ela mordeu o lábio. Tinha esperado isto, mas tinha decidido que não fazia mal tentar um suborno primeiro. Teria sido tão mais fácil.

Respirou fundo e ergueu o queixo. Pronto — esta era a sua última oportunidade para o dissuadir.

— Então fuja antes comigo.

Depois de um momento pasmado de pausa, ele desatou a rir-se.

Ela deixou-se envolver pelos sons irónicos e apenas esperou, com os braços cruzados. Até o riso dele diminuir, terminando com uma tossidela abafada.

— Meu Deus — disse ele. — Está a falar a sério?

— Completamente a sério. Deixe a Diana em paz e fuja comigo.

Ele esvaziou o copo de vinho e pô-lo de lado. Em seguida, clareou a garganta e começou:

— Isto é corajoso da sua parte, querida. Oferecer-se para casar comigo no lugar da sua irmã. Mas, na verdade, eu...

— O meu nome é Minerva. Não sou a sua querida. E você está louco se pensa que eu alguma vez me casaria consigo.

— Mas pensei que tinha dito...

— Fugir consigo, sim. Casar consigo? — Ela fez um ruído de incredulidade com a garganta. — Por favor.

Ele pestanejou para ela.

— Estou a ver que está confuso.

— Oh, bom. Eu teria admitido isso, mas sei o quanto você gosta de assinalar os meus defeitos intelectuais.

Vasculhando os bolsos interiores da sua capa, ela localizou o seu exemplar da revista científica. Abriu-o na página do anúncio e estendeu-o para ele o examinar.

— Vai haver um encontro da Real Sociedade Geológica no final deste mês. Um simpósio. Se concordar em vir comigo, as minhas poupanças devem ser suficientes para financiar a viagem.

— Um simpósio de geologia. — Ele olhou de relance para a revista. — Esta é a sua proposta noturna escandalosa. Foi por isto que se arrastou pela escuridão fria e molhada. Está a convidar-me para um simpósio de geologia, se eu deixar a sua irmã em paz.

— O que é que estava à espera que eu oferecesse? Sete noites de prazer carnal e perverso na sua cama?

Ela tinha-o dito a brincar, mas ele não se riu. Em vez disso, olhou para o vestido encharcado.

Minerva ficou vermelha como um tomate por baixo. Maldição. Ela estava sempre a dizer a coisa errada.

— Teria achado essa oferta mais tentadora — disse ele.

De verdade? Ela mordeu a língua para não dizer as palavras em voz alta. Que humilhante admitir o quanto o comentário improvisado dele a excitou. *Eu preferiria os seus prazeres carnais a uma palestra sobre terra.* Um grande elogio, de facto.

— Um simpósio de geologia — repetiu ele para si mesmo. — Eu deveria ter adivinhado que haveria pedras por trás disto.

— Há pedras por trás de tudo. É por isso que os geólogos as consideram tão interessantes. De qualquer forma, a minha oferta não é o simpósio em si. É a promessa de 500 guinéus.

Agora ela tinha a sua atenção. O olhar dele semicerrrou-se.

— Quinhentos guinéus?

— Sim. É esse o prémio para a melhor apresentação. Se você me levar lá e ajudar a apresentar as minhas descobertas à Sociedade, pode ficar com o dinheiro todo. Quinhentos guinéus seriam o suficiente para mantê-lo bêbedo e debochado em Londres até ao seu aniversário, espero?

Ele assentiu.

— Com um pouco de orçamentação criteriosa. Poderia ter de adiar a aquisição de botas novas, mas tem de se fazer alguns sacrifícios. — Ele levantou-se, encarando-a, frente a frente. — No entanto, há um problema. Como é que pode ter a certeza de que ganha o prémio?

— Eu vou ganhar. Podia explicar-lhe as minhas descobertas em pormenor, mas isso ia requerer uma grande quantidade de palavras polissilábicas. Não tenho a certeza se está para aí virado agora. Basta dizer que tenho certeza.

Ele observou-a com atenção, e Minerva reuniu a força para corresponder ao olhar. Fixo, confiante, sem pestanejar.

Após um momento, os olhos dele iluminaram-se com um brilho estranho. Ali estava uma emoção que ela nunca tinha visto nele antes.

Ela pensou que poderia ser... respeito.

— Ora — disse ele. — A certeza fica-lhe bem.

O coração dela vibrou de forma estranha. Foi a coisa mais bonita que ele alguma vez lhe tinha dito. Ela pensou que podia ser a coisa mais bonita que *alguém* lhe tinha dito.

A certeza fica-lhe bem.

E, de repente, as coisas ficaram diferentes. A quantidade de vinho que ela tinha engolido preencheu-lhe a barriga, aquecendo e relaxando-a. Derretendo o seu constrangimento. Sentiu-se confortável onde estava, e mais do que um pouco mundana. Como se ter uma conversa à meia-noite numa torre com um libertino meio vestido fosse a coisa mais natural do mundo.

Ela acomodou-se languidamente na poltrona e ergueu as mãos ao cabelo, onde encontrou e arrancou os poucos ganchos que restavam. Com movimentos lentos e pensativos, penteou com os dedos as mechas molhadas e dispô-las sobre os ombros, para melhor secarem uniformemente.

Ele levantou-se e observou-a por um momento. Em seguida, foi servir mais vinho.

Clarete serpenteou sensualmente para dentro do copo.

— Atenção que eu não estou a concordar com este plano. De maneira nenhuma. Mas só por uma questão de curiosidade, como é que pensou que isto correria, exatamente? Um dia de manhã, simplesmente partiríamos juntos para Londres?

— Não, para Londres não. O simpósio é em Edimburgo.

— Edimburgo. — A garrafa bateu fortemente na mesa. — Edimburgo, na Escócia.

Ela confirmou.

— Pensei que tinha dito que era a Real Sociedade Geológica.

— E é. — Ela acenou para ele com a revista. — A Real Sociedade Geológica da Escócia. Não sabia? Edimburgo é onde se dão os estudos acadêmicos mais interessantes.

Voltando a aproximar-se dela, ele olhou para a revista.

— Por amor de Deus, isto tem lugar daqui a apenas duas semanas. Marietta, você não percebe o que implica uma viagem à Escócia? Está a falar de uma viagem de cerca de duas semanas, no mínimo.

— São quatro dias de carruagem-correio a partir de Londres. Eu verifiquei.

— De carruagem-correio? Querida, um visconde não viaja de carruagem-correio. — Ele abanou a cabeça, sentado em frente a ela. — E como é que a sua querida mãe vai encarar esta notícia, quando ela descobrir que a menina fugiu para a Escócia com um lorde escandaloso?

— Oh, ela vai ficar feliz. Desde que uma das filhas dela case consigo, ela não é picuinhas. — Minerva tirou os pés das botas molhadas e enlameadas e puxou as pernas para cima sob as saias, enfiando os calcanhares gelados por baixo do traseiro. — É perfeito, não vê? Vamos fingir que fugimos para casar. A minha mãe não vai levantar qualquer objeção, e nem o Lorde Rycliff. Ele vai ficar demasiado feliz por pensar que você se vai finalmente casar. Nós viajaremos até à Escócia, apresentaremos as minhas descobertas, e receberemos o prémio. Depois dizemos a todos que simplesmente não correu bem.

Quanto mais ela explicava as suas ideias, mais facilmente as palavras lhe saltavam da boca e mais animada ela ficava. Isto podia funcionar. Podia realmente, verdadeiramente, funcionar.

— Então a menina simplesmente volta para Spindle Cove solteira, depois de semanas de viagem comigo? Não percebe que ficaria...

— Arruinada aos olhos da sociedade? Eu sei. — Ela olhou para a lareira acesa. — Estou disposta a aceitar esse destino. Eu já não tinha qualquer desejo de um casamento em sociedade, de qualquer maneira. — Não tinha *esperanças* de um, melhor dizendo. Ela não gostava da ideia de escândalo e fofocas. Mas será que ser expulsa da sociedade sofisticada seria realmente tão pior assim do que sentir-se para sempre posta à parte?

— Mas, e as suas irmãs? Elas vão ficar maculadas por associação.

O comentário dele fê-la parar. Não era como se ela não tivesse pensado nesta possibilidade. Muito pelo contrário, ela tinha-a ponderado com muito cuidado.

— A Charlotte só será debutante daqui a alguns anos — disse ela. — Ela consegue sobreviver a um pequeno escândalo. E, quanto à Diana... às vezes acho que a melhor coisa que poderia fazer pela minha irmã é arruinar as suas hipóteses de conseguir um «bom» casamento. Assim ela poderia conseguir um por amor.

Ele tomou um gole de vinho, pensativo.

— Bem, ainda bem que planeou isto tudo a seu gosto. Não tem escrúpulos em arruinar a sua reputação, nem as das suas irmãs. Mas pensou sequer ao menos na minha?

— Na sua quê? Na sua reputação? — Ela riu-se. — Mas a sua reputação é horrível.

As bochechas dele coraram, ligeiramente.

— Não sei se é horrível.

Ela colocou o dedo indicador esquerdo no polegar direito.

— Primeiro. Você é um libertino desavergonhado.

— Sim — admitiu.

Ela tocou no dedo indicador.

— Segundo. O seu nome é sinónimo de destruição. Brigas de bar, escândalos... explosões literais. Onde quer que vá, o caos segue-o.

— Eu realmente não faço isso de propósito. Simplesmente... acontece. — Ele esfregou o rosto com a mão.

— E mesmo assim está preocupado com o facto de este plano poder prejudicar a sua reputação?

— Claro. — Ele inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos sobre os joelhos. Fez um gesto com a mão que segurava o copo de vinho. — Eu sou um amante das mulheres, sim. — Em seguida, levantou a mão vazia. — E, sim, parece que arruíno tudo aquilo em que toco. Mas, até agora, tenho conseguido manter as duas tendências separadas, percebe? Eu durmo com mulheres e arruíno as coisas, mas ainda assim nunca arruinei uma mulher inocente.

— Parece ser um mero descuido da sua parte.

Ele riu-se.

— Possivelmente. Mas não é um que pretendo remediar.

Os olhos dele olharam para os dela, vulneráveis e sérios. E uma coisa estranha aconteceu. Minerva acreditou nele. Este era um senão que ela

nunca teria considerado. Que ele poderia opor-se por uma questão de *princípios*. Ela não tinha imaginado que ele possuía escrúpulos para evitar uma ofensa.

Mas ele possuía, evidentemente. E ele estava a expor-se a *ela*, numa atitude de confiança. Como se fossem amigos, e ele confiasse na sua compreensão.

Alguna coisa tinha mudado entre eles, nos dez minutos desde que ela tinha batido à sua porta.

Ela sentou-se na cadeira, observando-o.

— Você é uma pessoa diferente à noite.

— Sou — concordou ele, simplesmente. — Mas você também é.

Ela abanou a cabeça.

— Eu sou sempre esta pessoa, por dentro. É só que... — *De alguma forma, eu nunca consigo ser esta pessoa contigo. Quanto mais tento, mais ponho os pés pelas mãos.*

— Oiça, sinto-me honrado pelo seu convite, mas esta viagem que sugere não pode acontecer. Eu voltaria a parecer o pior tipo de sedutor e mulherengo. E justificadamente. Tendo fugido com uma jovem inocente e depois tendo-a insensivelmente descartado?

— Porque é que não poderia ser eu a descartá-lo a si?

Ele soltou uma pequena gargalhada.

— Mas quem é que alguma vez acreditaria...

Ele interrompeu a própria resposta. Um instante demasiado tarde.

— Quem é que alguma vez acreditaria nisso... — terminou ela por ele. — Quem, de facto.

Praguejando, ele pousou o copo de vinho.

— Vá lá. Não se ofenda.

Há dez minutos, ela teria esperado que ele se risse. Teria estado preparada para o seu escárnio, e não teria permitido que ele visse como isso a magoava. Mas as coisas tinham mudado. Ela tinha aceitado o casaco dele e o vinho. Mais do que isso, a honestidade dele. Ela tinha baixado a guarda. E agora isto.

Magoava-a profundamente.

Os seus olhos ardiam.

— É impensável. Eu sei que é isso que está a dizer. O que toda a gente iria dizer. É inconcebível que um homem como você pudesse apai... — Ela engoliu em seco. — Pudesse interessar-se por uma rapariga como eu.

— Eu não quis dizer isso dessa maneira.

— Claro que quis. É um absurdo. Uma piada. A ideia de que você poderia querer-me, e eu poderia rejeitá-lo? Eu sou simples. Estudiosa, distraída, desajeitada. Sou uma causa perdida. — A sua voz falhou. — Numa era geológica, ninguém iria acreditar.

Ela enfiou os pés nas botas. Em seguida, levantou-se e pegou na capa.

Ele levantou-se e pegou na mão dela. Ela afastou-se, mas não suficientemente rápido. Os dedos dele fecharam-se à volta do seu pulso.

— Acreditariam, sim — disse ele. — Eu conseguia fazê-los acreditar.

— Você é um homem horrível e provocador. Nem sequer se consegue lembrar do meu nome. — Ela tentou soltar a mão.

Ele apertou-a.

— *Minerva*.

O seu corpo ficou imóvel. A sua respiração queimou-lhe os pulmões, como se tivesse estado a tentar desenterrar-se de neve até à cintura.

— Oiça-me agora — disse ele, com suavidade e baixinho. — Eu conseguiria fazê-los acreditar. Não o vou fazer, porque acho que este plano seu é uma ideia espetacularmente má. Mas eu podia. Se eu quisesse, eu conseguiria convencer toda a Spindle Cove — toda a Inglaterra — de que estou totalmente apaixonado por si.

Ela fungou.

— Por favor.

Ele sorriu.

— Não, a sério. Seria tão fácil. Começaria por observá-la, quando você não desse conta. Por roubar olhares quando você estivesse perdida em pensamentos, ou debruçada sobre um livro. Por admirar a forma como o cabelo escuro e selvagem consegue sempre soltar-se dos ganchos, a cair pelo pescoço. — Com a mão livre, ele pegou numa mecha húmida do cabelo dela com as pontas dos dedos e prendeu-a atrás da orelha. Depois tocou-lhe levemente na bochecha. — Por reparar no brilho quente da sua pele, onde o sol a beijou. E esses lábios. Um espanto. Acho que teria de desenvolver um grande fascínio pelos seus lábios.

Ele pairou o polegar sobre a boca dela, provocando-a com possibilidades. Ela desejava o toque dele, até se sentir miserável por isso. Por este... *desejo* indesejado.

— Não demoraria muito. Em pouco tempo, todas as pessoas à nossa volta notariam o meu interesse — disse ele. — Acreditariam na minha atração por si.

— Você tem andado a provocar-me há meses. Ninguém esquece isso.

— Faz tudo parte da paixoneta. Não sabe? Um homem pode namorar com desinteresse, até mesmo desdém. Mas nunca provoca sem afeto.

— Não acredito em si.

— Devia. Outras acreditariam. — Ele colocou as mãos nos ombros dela. O seu olhar deslizou pelo corpo dela desde as botas ao cabelo solto. — Eu conseguiria fazer com que todos acreditassem que estou consumido por uma paixão selvagem e visceral por esta feiticeira com cabelo cor de corvo e lábios sensuais. Que admiro a sua lealdade feroz para com as irmãs, e o seu espírito valente e inventivo. Que fico louco ao ver indícios de uma paixão profunda e oculta que ela deixa escapar às vezes, quando se atreve a sair da casca. — As suas mãos fortes emolduraram o rosto dela. Os seus olhos como diamantes de Bristol fixaram-se nos dela. — Que eu vejo nela uma beleza rara e selvagem que tem passado despercebida, de alguma forma, a outros homens. E eu quero-a. Desesperadamente. Toda para mim. Oh, eu conseguiria fazê-los acreditar nisso tudo.

O fluxo rico e profundo das palavras tinha-a enfeitado de alguma maneira. Ficou paralisada, incapaz de se mover ou falar.

Não é real, lembrou-se ela. *Estas palavras não significam nada.*

Mas a carícia dele era real. Real, e quente, e macia. Podia ganhar demasiado significado, se ela deixasse. A cautela disse-lhe para se afastar.

Em vez disso, ela tocou-lhe leve e hesitantemente no ombro. Mão parva. Dedos parvos.

— Se eu quisesse — murmurou ele, puxando-a para perto e inclinando o rosto dela para si —, poderia convencer todos de que a verdadeira razão pela qual permaneci em Spindle Cove, meses após o que deveria ter sido o meu limite, não tem nada que ver com o meu primo ou as minhas finanças. — A voz dele ficou rouca. — Que é simplesmente a menina, Minerva. — Ele acariciou-lhe a bochecha, com tamanha doçura que o coração dela sofreu. — Que sempre foi a menina.

Os olhos dele eram sinceros, vulneráveis. A voz dele não mostrou nenhum indício de ironia. Ele quase parecia ter-se convencido a si mesmo.

O coração dela batia no peito com força violenta. Aquele bater louco e ensurdecedor era tudo o que ela conseguia ouvir.

Até que outro som se intrometeu.

Gargalhadas. As gargalhadas de uma mulher. Escorrendo de cima, como uma cascata de água gelada. Um choque rápido e asfíxiante.

Oh, Deus.

— Maldição. — Ele olhou para cima, para o quarto em mezanino.

Minerva seguiu o olhar dele. Por trás das cortinas drapeadas da cama, a mulher invisível riu-se novamente. Riu-se *dela*.

Oh, Deus. Oh, Deus.

Como é que ela pôde ser tão estúpida? É natural que ele não estivesse sozinho. Ele tinha sido bem claro acerca disso. Tinha demorado uma eternidade a abrir a porta, mas não estava a dormir. Tinha parado primeiro para...

Para vestir umas calças.

Oh, Deus! Oh, Deus! Oh, Deus!

Este tempo todo. Quem quer que fosse que estava lá em cima, tinha estado a ouvir durante o tempo todo.

Minerva procurou aos apalpões a sua capa, vestindo-a com dedos trémulos. O calor do fogo tornou-se de repente enjoativo e espesso. Sufocante. Ela tinha de sair daquele lugar. Ia ficar enjoada.

— Espere — disse ele, seguindo-a até à porta. — Não é o que parece. Ela lançou-lhe um olhar gélido.

— Está bem, é na sua maioria aquilo que parece. Mas juro, eu tinha-me esquecido de que ela estava aqui.

Ela parou de lutar com o trinco da porta.

— E isso é suposto fazer-me pensar melhor de si?

— Não. — Ele suspirou. — É suposto fazê-la pensar melhor de si mesma. Era só isso que eu pretendia. Fazê-la sentir-se melhor.

Incrível como aquela observação tornou uma situação humilhante 13 vezes pior.

— Estou a ver. Normalmente você reserva os elogios falsos para as suas amantes. Mas desta vez decidiu fazer caridade. — Ele começou a responder, mas ela interrompeu-o. Ela ergueu o olhar para o mezanino.

— Quem é ela?

— Que importa?

— Que *importa*? — Ela abriu a porta à força. — Credo. As mulheres são assim tão substituíveis e vulgares para si? Simplesmente... perde a conta delas por baixo das almofadas da cama, como se fossem trocos? Nem acredito que eu...

Uma lágrima quente escorreu-lhe pelo rosto. Ela odiou essa lágrima. Odiou que ele a tivesse visto. Um homem como este não valia as lágrimas de ninguém. Era só que... durante aquele momento junto à lareira, depois de anos a ser ignorada, finalmente sentiu-se notada. Apreciada.

Desejada.

E tinha sido tudo uma mentira. Uma piada ridícula e risível.

Ele vestiu o sobretudo.

— Deixe-me acompanhá-la até casa, pelo menos.

— Afaste-se. Não se aproxime de mim, nem da minha irmã. — Ela manteve-o afastado com uma mão ao mesmo tempo que recuou, saindo pela porta. — Você é o homem mais falso, horrível, desavergonhado, desprezível... que eu já tive o desprazer de conhecer. Como é que consegue dormir à noite?

A resposta dele veio exatamente quando ela bateu com a porta.

— Não consigo.

Capítulo 2



Ele não dormiu nessa noite.

Depois de Minerva Highwood ter saído de rompante para a chuva, nem um libertino imoral e dissoluto como Colin seria capaz de simplesmente continuar onde tinha parado. Enxotou a viúva da sua cama, vestiu-a e acompanhou-a de volta à aldeia. Assim que confirmou que Minerva tinha chegado a casa em segurança — ao avistar as botas enlameadas dela à saída da porta das traseiras da pousada — regressou aos seus aposentos no castelo e desarrolhou uma nova garrafa de vinho.

Mas não pregou olho.

Nunca pregava. Não à noite, não sozinho.

Credo, como ele odiava o campo. Nem toda a luz do Sol e o ar do mar em Sussex compensavam as noites escuras e silenciosas. Ultimamente, Colin pensava que daria o mamilo esquerdo — as bolas nunca estavam para negociação — em troca de uma noite de sono decente. Desde que Fiona Lange se tinha ido embora da aldeia, o máximo que tinha conseguido fora descansar umas poucas horas no início da madrugada. Durante a maior parte do inverno, decidira beber até alcançar um estado de letargia noturna. Mas o seu corpo, já debilitado pela falta de descanso, estava a começar a esgotar-se com o volume de álcool necessário. Se não tivesse cuidado, tornar-se-ia um bêbedo constante. Era demasiado novo para isso, raios.

Por isso, tinha finalmente cedido e aceitado o convite óbvio dos sorrisos e das ancas espetadas que a Sra. Ginny Watson tinha andado a fazer há algum tempo. Ele tinha resistido à jovem viúva durante meses, pois não queria envolver-se com uma habitante da aldeia. Mas ir-se-ia embora dali a uns dias. Porque é que não faria das suas últimas noites suportáveis? Não prejudicaria ninguém, certo?

Certo, pois.

Lembrou-se de Minerva Highwood. Daquela lágrima a escorrer pelo rosto dela.

Que maldade, Payne. Que maldade.

Devia tê-la mandado embora logo de início. Não tinha intenção de casar com Diana Highwood, nunca tinha tido. Mas Minerva aparecera com frio e molhada, a precisar de algum tempo em frente à lareira. E ele tinha achado perversamente divertido provocá-la a expor a sua linha de raciocínio até chegar à conclusão louca e ilógica.

De todos os planos malucos que podia propor... fingir uma fuga para ganhar um prémio de geologia? Ela certamente não sabia fazer as coisas com elegância. Mas Colin tinha de admitir que este tipo de rapariga não lhe batia à porta todas as noites.

O pior era que aquela conversa oca de sedução que ele lhe impingira... não tinham sido *só* mentiras. Ela tinha o seu especial tipo de charme. O cabelo escuro, quando solto em ondas pesadas até à cintura, era sedução em si. E a sua boca realmente fascinava-o. Para uma solteirona respondona, ela tinha os lábios mais cheios, carnudos e sensuais que ele alguma vez tinha visto. Lábios copiados da Afrodite, de um artista renascentista qualquer. Vermelho-escuros nos cantos, e um tom mais claro no centro — como duas fatias de uma ameixa madura. Por vezes, ela apanhava o lábio inferior com os dentes e mordiscava-o, como se estivesse a saborear uma doçura secreta.

Era então uma surpresa que, durante vários minutos, ele se tivesse verdadeiramente esquecido de Ginny Watson lá em cima?

Minerva tinha pagado o preço pela imprudência dele.

Era por isso que ele precisava de voltar para Londres. Lá, o deboche habitual mantinha-o longe deste tipo de problemas. Ele e os seus amigos saltavam de clube em clube, como uma matilha de animais noturnos. E quando se cansava da folia, não tinha problemas em encontrar mulheres mundanas dispostas a partilharem a cama com ele. Ele dava-lhes prazer físico estupendo e elas davam-lhe o consolo de que ele tanto precisava... todos seguiam o seu caminho depois, satisfeitos.

Esta noite, ele tinha deixado duas mulheres profundamente insatisfeitas. E ficou acordado com aquele familiar e maldito sentimento de remorso.

Pelo menos os seus dias aqui estavam contados. Bram chegaria ao castelo no dia seguinte. Para todos os efeitos, ele vinha fazer esta viagem

para inspecionar a sua milícia após vários meses de ausência. No entanto, Colin sabia pela mensagem urgente do primo que ele tinha outros assuntos em mente. Após muitos meses, Colin teria o seu descanso.

Adeus, aposentos frios de pedra.

Adeus, noites de tortura no campo.

Em poucos dias, ele ir-se-ia embora.

— Como assim, vou ficar aqui? — Colin fitou o primo, a sentir-se como se tivesse levado um murro na barriga. — Não entendo.

— Vou explicar. — Bram gesticulou com suavidade. — É o que acontece com os aniversários, sabes? Por mais espantoso que seja, calham sempre no mesmo dia, todos os anos. E o teu é só daqui a dois meses. Até lá, eu sou o responsável pela tua fortuna. Eu controlo todo o teu dinheiro até ao último centavo, e tu vais ficar aqui.

Colin abanou a cabeça.

— Isto não faz sentido. Ele rendeu-se. Acabaste de o anunciar à aldeia toda. A guerra acabou.

Estavam em frente à Touro e Flor, a única taberna de Spindle Cove. Depois de supervisionar os exercícios da tarde da milícia, Bram tinha convidado todos os voluntários para beberem um copo. Ali tinha anunciado as últimas notícias de França, que certamente cobririam todos os jornais de Inglaterra no dia seguinte de manhã. Napoleão Bonaparte tinha renunciado ao trono, e agora era meramente uma questão de burocracia.

A vitória era deles.

Júbilo agitou a estrutura de madeira da taberna. As crianças correram até à igreja para tocar o sino. As primeiras canecas rapidamente se tornaram nas segundas, e depois terceiras. À medida que a tarde dava lugar ao crepúsculo, esposas e prometidas chegavam pelas avenidas da aldeia, carregando pratos de comida. Alguém trouxe uma rabeca. Pouco tempo depois, a dança começou. Toda a Spindle Cove — toda a *Inglaterra* — tinha motivos para celebrar.

Seria de esperar que Colin também estivesse a festejar.

Em vez disso, sentia-se morto por dentro. Era uma sensação demasiado familiar.

— Bram, tu precisavas que eu supervisionasse a milícia na tua ausência, e cumpri o meu dever. — *A minha sanidade não sofreu pouco com isso.* — Mas, se a guerra acabou, já não é preciso.

— Seja preciso ou não, a milícia continua ativa até a Coroa decretar o contrário. Não posso simplesmente desfazê-la só porque me apetece.

— Então o Thorne pode supervisioná-la.

— Onde é que está o Thorne, a propósito? — Bram inspecionou as redondezas à procura do seu cabo.

Colin gesticulou vagamente.

— Por aí, a fazer o que ele faz. A fazer a barba com uma foice ferrugenta. A esfolar enguias com as próprias mãos, talvez. *Ele* gosta mesmo deste sítio.

— Ah — disse Bram. — Mas tu *precisas* deste sítio.

Colin esfregou o rosto com ambas as mãos. Ele sabia que Bram tinha boas *intenções*. O seu primo acreditava de verdade que largar Colin sem um tostão no Sussex provinciano para supervisionar uma milícia local era a sua melhor hipótese de se redimir de uma vida dissoluta. O que Bram não compreendia é que eles eram homens diferentes. A disciplina militar e a vida rural podiam ter controlado os demónios de Bram, mas só estavam a alimentar os de Colin.

Não havia maneira de explicar isso em termos que Bram pudesse compreender. E o que é que Colin devia dizer, de qualquer maneira? *Muito obrigado por te preocupares, mas preferia que não o fizesses?* Bram era a sua única família agora. Durante o último ano, tinham forjado uma ligação frágil de afeto fraternal, e Colin não a queria estragar.

— Colin, se queres sair de Spindle Cove, tens opções. Tu sabes que se te casares o fundo termina e eu deixo de controlar o teu dinheiro. A esposa certa poderia fazer-te bem.

Ele gemeu baixinho. Vezes sem conta, tinha testemunhado este fenómeno com os seus amigos. Casaram-se. Eram felizes naquela forma contentada e agradecida de homens pouco satisfeitos com uma fonte de sexo agora constante. Depois lá se vangloriavam como se tivessem inventado a instituição do casamento e lucrassem com cada solteirão que conseguiam converter.

— Bram, estou feliz por estares feliz com a Susanna e o bebé que vem a caminho. Mas isso não significa que o casamento seja uma coisa boa para mim. De facto, acho que seria uma coisa muito má para a mulher com quem acabaria por casar. — Bateu com o punho contra o edifício. — Ouve, preciso de ir à cidade. Fiz uma promessa ao Finn.

— Prometeste ao Finn o quê, exatamente? — Bram olhou pela janela, perscrutando os milicianos reunidos pelo rapaz tambor de 15 anos.

— É que perdi uma aposta com ele. Em jogo estava um par de botas. Eu daria as minhas *Hobys*, mas ainda são demasiado grandes para ele. Por isso, disse que o levaria à cidade para lhe mandar fazer um par à medida. E depois achei que podíamos visitar umas escolas, para podermos ter isso resolvido antes de as aulas recomeçarem no outono.

Bram abanou a cabeça.

— Já encontrei uma escola aqui em Sussex para o Finn. Colégio Flintridge para Rapazes.

— Flintridge? E a Eton? Dissemos à mãe dele que lhe arranjaríamos o melhor.

— O melhor para o Finn. Flintridge oferece uma educação excelente, mais perto de casa. Além disso, os Brights têm uma retrosaria, e tu queres mandá-lo para a Eton? Sabes que ele se sentiria como um peixe fora de água.

Colin conhecia bem a Eton e a sensação de se sentir um peixe fora de água. Tinha chegado lá na forma de uma jovem tragédia com oito anos. Recentemente órfão, ainda a recuperar da perda dos pais. Nessa altura, pequeno para a idade que tinha. Teria sido um alvo de preferência mesmo sem os pesadelos. Os pesadelos só acrescentavam assédios verbais ao arsenal dos rufias. Ainda conseguia ouvir o falsete fingido deles.

— *Mãe!* — guinchavam eles pelos corredores. — *Mãe, acorda!*

O primeiro ano tinha sido uma tortura. Mas ele tinha acabado por se safar.

— Eu sei que a adaptação não será fácil — disse Colin. — Mas eu posso ensinar o Finn a aguentar-se. Ele precisa de ver mais do mundo, perder aquele fascínio de olhar esbugalhado do campo. Devia ter um tutor, para não ficar para trás nos estudos. E se lhe calçar umas belas botas *Hobys* e o levar ao clube de boxe, ele pode deslumbrar os rapazes impressionáveis e dar porrada aos obstinados.

Colin fitou pela janela da Touro e Flor, na direção da parede onde Finn Bright estava encostado, a roçar cotovelos com o irmão gémeo Rufus. Das suas cabeleiras loiras-quase-brancas aos braços escanzelados e sorrisos malandros, os gémeos Bright eram idênticos. Ou pelo menos tinham sido, até ao verão anterior — quando uma explosão de artilharia roubou o pé esquerdo de Finn.

— Foi um acidente — disse Bram, a ler-lhe os pensamentos.

— Um que eu podia ter evitado.

— Eu também o podia ter evitado.

Colin bateu com o dedo na janela.

— Olha para ele. Está curado, mas está inquieto. O tempo está a aquecer. Ele vê o resto dos jovens da idade dele todos a correrem para ir jogar críquete, trabalhar nos campos, perseguir as raparigas... Ele está finalmente a digerir a realidade, o que isto implica para ele. O que vai implicar, para o resto da vida dele. Eu sei que tens de compreender.

Bram tinha levado um tiro no joelho em Espanha, há mais de um ano já. Tinha mantido a perna, mas ainda mancava, e o ferimento tinha acabado com a sua carreira no comando em campo. Seria de esperar que a sua resistência à ideia diminuísse.

Mas seria um erro. A expressão de Bram parecia tão rígida quanto granito.

— Colin, não devias ter feito essas promessas ao rapaz. Estás sempre a fazer isto. Não tenho dúvidas de que as tuas intenções são boas, mas as tuas boas intenções aterram como morteiros. Vezes sem conta, tu disparas com essa tua boca, e os inocentes à tua volta magoam-se.

Colin fez uma careta, a pensar em Minerva Highwood na noite passada. Naquela lágrima a escorrer pelo rosto dela.

— É precisamente por isto que não posso liberar-te dinheiro nenhum — continuou Bram. — Vais contar uma bela história sobre dias inteiros passados como mentor do Finn, e à noite eu sei que vais acabar por ir aos clubes e antros de jogo.

— Raios, como eu passo as noites só a mim me diz respeito. Não posso ficar neste lugar, Bram. Não fazes ideia.

— Oh, faço sim. Faço muito bem ideia. — Bram aproximou-se mais e baixou a voz. — Liderei regimentos em batalha. Pensas que não sei o que testemunhar a morte e o massacre faz a um homem? Os pesadelos, a inquietude. A bebida. A sombra que permanece durante anos, até décadas depois. Conheci muitos soldados traumatizados pela guerra.

À medida que digeriu o que o primo queria dizer, a pulsação de Colin acelerou. É claro que Bram sabia do acidente. Quase todas as pessoas no seu círculo social sabiam do acidente. Mas os restantes eram suficientemente bem-educados para compreender — Colin não falava disso. Nunca.

Ele disse:

— Eu não sou um dos teus soldados traumatizados pela guerra.

— Não. És a minha família. Não compreendes? Eu quero que ultrapasasses isto.

— Ultrapassar isto? — Colin riu-se com amargura. — Porque é que nunca pensei nisso? — Deu uma palmada na testa. — Vou simplesmente ultrapassar isto. Que ideia estupidamente brilhante. Olha uma para ti, Bram. Endireita-te e para de mancar. E o Finn... bem, o Finn pode fazer crescer um pé novo.

Bram suspirou.

— Não vou fingir que sei exatamente do que precisas — disse ele —, mas sei que não o vais encontrar nos antros de jogo e casas de ópera. Estes próximos meses são a minha última oportunidade para te fazer mudar. Depois do teu aniversário, as contas, propriedades, Riverchase... já poderás ter tudo. Ou perder tudo.

Colin ficou sério, num instante.

— Eu nunca poria Riverchase em risco. Nunca.

— Há anos que não vais lá.

— Não tenho desejo nenhum de ir. — Encolheu os ombros. — Demasiado silencioso. Demasiado remoto.

Demasiadas memórias.

— Vais precisar de gerir a propriedade — disse Bram.

Colin contrapôs:

— Os caseiros têm-na gerido bem há anos. Não precisam de mim lá. E eu sou feliz a viver na cidade.

— Aquela vida de deboche e sem sentido que tinhas na cidade... Chamas a isso «feliz»? — Bram franziu o sobrolho. — Credo, homem. Nem consegues ser honesto contigo mesmo.

Colin cerrou o punho e controlou a vontade de o usar.

Ele baixou a voz quando Finn saiu da taberna.

— O rapaz tem as coisas dele todas empacotadas, Bram. Não o podes desiludir.

— Oh, *eu* não o vou desiludir. Isso farás tu.

Essa doeu.

Finn veio de muletas ter com eles.

— Então, meus senhores?

Colin percebeu que o rapaz estava a esforçar-se para não parecer demasiado esperançoso. Finn era assim. Quer tivesse perdido um jogo de dardos ou o pé esquerdo, punha sempre uma expressão de bravura para enfrentar a desilusão. Era mais forte do que aparentava, tinha mais ambição do que todos pensavam. Este rapaz seria de verdade alguém, um dia. E merecia melhor do que o maldito Colégio Flintridge para Rapazes.

— Finn, houve uma mudança de planos. Não vamos a Londres esta semana.

— N... não vamos?

— Não — disse Colin. — Vais à cidade antes com o Lorde Rycliff.

Bram virou-se para ele, espantado.

— O quê?

— Como concordámos que seria melhor. — Colin lançou um olhar penetrante ao primo.

Por sua vez, Bram lançou-lhe um olhar que pulverizaria nozes dentro das cascas.

— Mas... pensei que ficaria consigo, Lorde Payne. — Finn olhou para Colin, confuso. — Íamos ser uns solteirões a viver em Covent Garden.

— Sim, bem. Eu e o meu primo concordamos que precisas de um ambiente mais familiar. Por enquanto, pelo menos. Não é verdade, Bram?

Vá lá, homem. Não podes recusar. Não sejas besta.

O primo por fim compadeceu-se.

— Acabámos de nos mudar para a nova casa na cidade, Finn. A Susanna vai adorar ter o seu primeiro hóspede.

Colin chamou Finn à parte.

— Eu passo lá este verão, não te preocupes. Mesmo a tempo de andarmos de barco no Tamisa. — Ele aproximou-se para murmurar: — E para treinar boxe, não te aflijas. Recebes bilhetes para um confronto final, se eu ouvir boas coisas dos teus tutores.

O rapaz sorriu.

— Está bem, então.

Bram disse:

— Vai buscar as tuas coisas, Finn. Encontra-te comigo nas cavalariças, e tratamos de as carregar na carruagem. Partimos de madrugada. — Os dois foram-se embora juntos, a fazer planos que não incluíam Colin.

Ele tentou dizer a si mesmo que tudo tinha sido resolvido pelo melhor. Se tivesse sido ele a levar Finn a Londres, Colin teria encontrado uma maneira de estragar a viagem. Bram tinha razão. Sempre que ele tentava fazer uma coisa boa, acabava sempre mal.

Afastando-se da taberna e entrando no jardim, Colin tirou uma garrafa do bolso do peito. Destapou-a e sorveu um trago rápido. Queimou-o ao descer — tal como o facto de saber que seria a primeira bebida de muitas. A noite já começava a estender o seu véu púrpura estrelado sobre

a enseada. Ele nem sabia como iria sobreviver aos próximos meses sem dar cabo do juízo.

Um grupo de senhoras acercou-se, atravessando o jardim pelo caminho que levava à taberna desde a Queen's Ruby. Não admirava que os hóspedes da pousada fossem atraídos pela melodia de música de dança. Colin escondeu-se nas sombras de um castanheiro, a sentir-se sem disposição para ter conversa cortês naquele momento.

Quando as senhoras se aproximaram mais, ele reconheceu-as.

As Highwood. A matrona viúva vinha à frente, e as suas três filhas seguiam-na. Primeiro, Charlotte, em seguida, Diana... por fim, Minerva, que ficava sempre para trás, com o rosto previsivelmente embrenhado num livro. A brisa do entardecer brincava com as suas saias e xailles.

Se ele quisesse deixar Spindle Cove, tinha de facto opções. Aqui vi-nham duas delas agora.

Ele podia casar com Diana.

Ou podia fugir para a Escócia com Minerva.

Belas opções, essas. Preferiria ele destruir a reputação de uma irmã ou arruinar a felicidade futura da outra? Para ser franco, queria sair deste lugar. Mas preferia fazê-lo ainda com uma réstia de decência intacta.

Colin engoliu outro trago de álcool.

Diana Highwood seria uma linda noiva para qualquer homem. Era bonita, elegante, requintada, bondosa. Conseguiria dar-se bem em sociedade, sem dúvida, e toleraria os excessos de Colin melhor do que a maioria. O que significava que a sua irmã de óculos e língua afiada tinha toda a razão.

Diana merecia melhor.

Quanto à irmã de óculos em questão... Ao fitar o grupo a atravessar o relvado, Colin mal a reconhecia como a rapariga que o tinha visitado na noite anterior. A jovem ousada e espirituosa que tinha soltado o cabelo junto à lareira na noite passada e falado com uma confiança tão cativante. Onde é que tinha estado essa rapariga durante estes meses todos?

Ou melhor, onde estava essa rapariga agora? O vestido de musselina com flores e folhinhas que estava a usar não era nem atraente nem horrível. Podia ser descrito como completamente banal. A caminhar, ela curvava os ombros, como se pudesse enrolar-se em si mesma. Tendo em conta o livro que lhe escondia o rosto, ela tinha feito o seu melhor para desaparecer.

A Sra. Highwood gritou:

— Minerva! Endireita-te.

Colin abanou a cabeça. Considerando o abuso constante que ela sofria da mãe, era alguma surpresa que ela quisesse esconder-se?

Na noite anterior, ela tinha-se atrevido a sair dessa casca. Tinha-se arrastado o caminho todo até ao castelo à chuva, tinha batido à porta dele até ele a ter deixado entrar e depois tinha oferecido arruinar-se para proteger a irmã. E que recompensa teve pelo sacrifício que fez? Humilhação. Escárnio. E mais repreensão da parte da mãe.

Ele nunca tinha sonhado em dizer isto sobre a solteirona que tinha passado os últimos meses a disparar-lhe olhares penetrantes e comentários mordazes. Mas era verdade.

Minerva merecia melhor.

Colin tapou a garrafa e enfiou-a no bolso. Podia ter de esperar uns meses para recompensar Finn Bright. E mesmo nessa altura, nunca seria capaz de substituir o pé do rapaz.

Mas ia resolver as coisas com as Highwood.

Esta noite.

Capítulo 3



Quando Minerva se perdia num livro, tal como o seu falecido pai tinha certa vez comentado, um homem precisava de cães e uma equipa de buscas para a despertar.

Como alternativa, o ramo baixo de uma árvore também servia.

Tumba.

— Ai. — Parando de repente, Minerva esfregou a têmpora dorida e ajustou os óculos com uma mão. Com a outra, manteve a página que estava a ler marcada.

Charlotte inclinou a cabeça para ela, num gesto de pena.

— Oh, Min. A sério.

— Magoaste-te? — perguntou Diana, preocupada.

À frente delas, a mãe deu meia volta e soltou um suspiro desesperado.

— Minerva Rose Highwood. Apesar de todo o teu amor inatural pelo conhecimento, consegues ser espantosamente estúpida. — Foi ter com ela e agarrou Minerva pelo cotovelo, puxando-a pelo relvado da aldeia. — Nunca compreenderei como é que vieste parar a este mundo.

Não, mamã, pensou Minerva, arrastando-se pelo caminho. Duvido que alguma vez compreendas.

A maioria das pessoas não a compreendia. Mesmo antes da humilhação da noite passada, já se tinha conformado com esse facto há muito tempo. Ultimamente, parecia que o único que melhor entendia Minerva não era uma pessoa de todo, mas um lugar. Spindle Cove, esta estância costeira para jovens senhoras de boa educação e, bem, personalidade *interessante*. Fossem de pobre saúde, estudiosas ou escandalosas — as jovens aqui eram todas aberrações de uma maneira ou de outra. Os aldeãos não se importavam que Minerva escavasse na terra ou deambulasse pelos

caminhos campestres com a brisa a sacudir-lhe o cabelo e um livro aberto à frente dos olhos.

Tinha-se sentido tão à vontade aqui, tão confortável. Até esta noite.

Quanto mais se aproximavam da taberna e da folia no interior, mais aumentava a sua sensação de terror.

— Mamã, não podemos voltar para a pousada? O tempo está tão agreste.

— Está ameno, comparado com a chuva da semana passada.

— Pense na saúde da Diana. Ela acabou de recuperar de uma constipação.

— Pfff. Isso já foi há semanas.

— Mas, mamã... — Desesperada, Minerva procurou outra desculpa.

— Então e o decoro?

— Decoro? — A mamã ergueu a mão despida de Minerva, mostrando a terra enfiada por baixo das unhas. — *Tu* queres falar-me de decoro?

— Sim, bem. Uma coisa é frequentar a Touro e Flor à tarde, quando é uma casa de chá para senhoras. Mas, depois do anoitecer, é uma taberna.

— Minerva não mencionaria onde *ela* tinha estado na noite passada.

— Não me interessa se é um antro de ópio. É a única hipótese de dançar num raio de 16 quilómetros — respondeu a sua mãe. — E o Payne está lá certamente. Teremos um pedido esta noite. Pressinto-o.

Talvez a mamã o pressentisse, mas a reação de Minerva era mais visceral. O seu coração e estômago trocaram de lugares, agitando-se dentro dela.

Quando se acercaram da porta da taberna, Minerva enterrou a cara no livro. Fossem romances ou contos ou tratados científicos, os livros eram com frequência o seu refúgio. Esta noite, o livro era literalmente o seu escudo, a sua única barreira contra o mundo. Não se atrevia a deixar Diana sozinha esta noite, mas não sabia como seria capaz de aguentar olhar outra vez para o Lorde Payne. Para não falar da amante desconhecida que se tinha rido das esperanças patéticas de Minerva. A «amiga» dele podia ter sido qualquer uma das mulheres que estavam nesta sala cheia. E quem quer que ela fosse, podia já ter contado a história a todas as pessoas.

Quando entraram no estabelecimento e passaram por entre a multidão, Minerva teve a certeza de que ouviu alguém a rir-se.

A rir-se *dela*.

Este era o pior resultado daquela desastrosa visita noturna. Há meses, Spindle Cove tinha sido o porto seguro de Minerva. Agora nunca mais

se sentiria confortável aqui. O eco daquela gargalhada cruel seguiu-la-ia por todos os caminhos de terra batida e passeios de calçada. Ele tinha-lhe estragado este lugar.

Agora ameaçava estragar o resto das suas vidas.

Você poderia estar a chamar-me «irmão» já no domingo.

Não. Ela não podia deixar que isso acontecesse. Não iria. Evitá-lo-ia de alguma forma, nem que tivesse de arremessar o livro à cabeça do homem.

— Oh, ele não está aqui.

A observação lamentosa de Charlotte deu-lhe esperança. Minerva baixou o livro e inspecionou a multidão. Os voluntários da milícia enchiam o estabelecimento, colorindo as paredes de cal de vermelho-vivo e dourado. Baixou o queixo e espreitou por cima das lentes, focando no lado distante da sala, onde homens e mulheres se reuniam ao balcão.

Nada de Lorde Payne.

A sua respiração ficou mais calma. Empurrou os óculos de novo pela cana do nariz acima e sentiu os cantos da boca a relaxarem para formarem uma espécie de sorriso. Talvez ele tivesse tido um rebate de consciência. O mais provável era que tivesse permanecido dentro da sua torre para entreter a sua amiga fácil de entreter. Nem importava onde ele estava, desde que não estivesse aqui.

— Oh, ali — disse a mamã, dando meia volta. — Ali está ele. Acabou de entrar pela porta das traseiras.

Raios.

O coração de Minerva desanimou-se assim que o viu. Ele não se parecia com um homem que tivesse tido um rebate de consciência. Parecia misterioso e mais perigoso do que nunca. Embora tivesse acabado de transpor a porta, tinha mudado instantaneamente a atmosfera da sala. Uma energia palpável e irrequieta radiava dele, e todos conseguiam senti-la. Toda a taberna ficou alerta. Uma mensagem tácita foi transmitida de corpo para corpo.

Algo está prestes a acontecer.

Os músicos entoaram o prelúdio para uma dança folclórica. Por toda a sala, casais começaram a formar pares.

No entanto, o Lorde Payne não estava com pressa. Ergueu uma garrafa à boca e virou-a. Minerva engoliu por instinto, como se conseguisse sentir o álcool a queimar-lhe a garganta na descida.

Ele baixou a garrafa. Tapou-a. Voltou a guardá-la no bolso. E, em seguida, o olhar dele pousou, ardente e fixo, nas Highwood.

Os pelos da nuca dela eriçaram-se.

— Ele está a olhar para ti, Diana — murmurou a mãe dela com excitação. — Ele vai de certeza pedir-te para dançar.

— A Diana não devia dançar — disse Minerva, incapaz de tirar os seus próprios olhos dele. — Não um vira como este. A asma dela.

— Pff. O ar do mar tem-lhe feito bem. Ela não tem um ataque há meses.

— Não. Mas o último foi causado pela dança. — Ela abanou a cabeça. — Porque é que tenho de ser sempre a única a cuidar do bem-estar da Diana?

— Porque eu cuido do teu. Sua ingrata.

O olhar da mamã foi penetrante. Quando era menina, Minerva tinha invejado os olhos azuis da mãe. Como se fossem da cor de oceanos tropicais e céus intermináveis. Mas a sua cor tinha desvanecido com o tempo, desde a morte do papá. Agora o azul deles era do tom de cambraia tingida usada durante três temporadas. Ou de porcelana quebradiça e de classe média.

Da cor de paciência quase esgotada.

— Somos quatro, Minerva. Todas mulheres. Sem marido, pai ou irmão no retrato. Podemos não ser pobres, mas falta-nos verdadeira segurança. A Diana tem a oportunidade de arranjar um visconde abastado e bonito, e eu não vou deixar que te ponhas no caminho dela. Quem mais é que vai salvar esta família? *Tu?* — Ela riu-se com amargura.

Minerva nem conseguiu formar uma resposta.

— Oh, ele vem aí — guinchou Charlotte. — Ele está a vir para aqui.

O peito de Minerva encheu-se de pânico. Payne pretendia de verdade fazer o pedido esta noite? Qualquer homem sensato o faria. Diana era sempre bonita, mas esta noite estava deslumbrante, a usar um vestido de seda esmeralda com enfeite de renda em cor de marfim. O seu cabelo loiro-claro brilhava incandescente à luz das velas, e a sua compostura etérea conferia-lhe o ar de uma senhora.

Ela parecia uma viscondessa.

E o Lorde Payne parecia um lorde poderoso dos pés à cabeça. O homem atravessou a sala na direção delas, abrindo caminho pelo meio da multidão num sentido reto e direito. As pessoas saltavam do seu caminho, como gafanhotos assustados. O seu olhar era atento, determinado, focado em...

Nela. Em Minerva.

Não sejas tola.

Não pode ser. É de certeza uma ilusão de ótica provocada pelos óculos. Ele vinha pela Diana, como era natural. Como era óbvio. E ela odiou-o por isso. Ele era um homem horrível, horrível.

Mas o seu coração não parava de bater com força. Entre os seios sentiu calor a acumular-se. Ela sempre se tinha perguntado como seria estar na ponta de um salão de baile e ver um homem bonito e poderoso vir na sua direção. Supôs que isto era o mais próximo disso que ela estaria. Estando ao lado de Diana. A imaginar.

Subitamente ansiosa, olhou para o chão. Em seguida para o teto. Depois repreendeu-se pela sua cobardia e obrigou-se a olhar para ele.

Ele parou de repente e fez uma vénia. A seguir estendeu a mão.

— Dar-me-ia o prazer desta dança?

O coração de Minerva bloqueou. O livro deslizou-lhe das mãos e caiu no chão.

— Diana, passa-me o teu retículo — sussurrou a mamã. — Vá, depressa. Eu seguro nele enquanto danças.

— Não creio que vá ser necessário — respondeu Diana.

— Claro que é necessário. Não podes dançar com esse retículo volumoso pendurado no pulso.

— Eu nem sequer vou dançar. O Lorde Payne convidou a Minerva.

— Convidou a Minerva. Até parece. — A mamã vocalizou um ronco incrédulo e indelicado. Que se tornou uma exclamação estrangu-lada, quando a mulher ergueu o olhar e finalmente reparou que a mão do Lorde Payne estava de facto estendida para Minerva. — Mas... porquê?

Ele disse simplesmente:

— Porque eu escolho-a a ela.

— De verdade?

Oh céus. De verdade? Isto é, tinha Minerva dito *de verdade* em voz alta?

Pelo menos tinha conseguido evitar vocalizar o resto dos pensamentos que lhe passavam pelo cérebro aturdido, que era algo como «*De verdade? Todo aquele deambular determinado e perigoso de um lado ao outro da sala foi por mim? Nesse caso, importar-se-ia de recuar e fazer tudo outra vez? Devagarinho desta vez, e com propósito.*»

— Menina Minerva — disse ele, numa voz suave e misteriosa como o universo —, dá-me a honra desta dança?

Ela viu-o, muda e enfeitada, a agarrar-lhe na mão com a sua despida. O toque dele era quente e forte.

Ela susteve a respiração, a sentir os olhos de toda a aldeia neles.

Por favor. Por favor, que ninguém se ria.

— Obrigada — obrigou-se ela a dizer. — Ficaria muito... aliviada.

Ele levou-a para a pista, onde se puseram em fila para a dança folclórica.

— Aliviada? — murmurou ele, divertido. — As senhoras normalmente sentem-se «encantadas» ou «honradas» em dançar comigo. Até «deliciadas».

Ela encolheu os ombros, num gesto de vulnerabilidade.

— Foi a primeira palavra que me veio à cabeça.

E tinha sido honesta, quando a disse. No entanto, quando ocupou o lugar à frente dele e as primeiras notas da música começaram, o alívio evaporou-se. O medo tomou o seu lugar.

— Não sei dançar — confessou ela, a dar um passo para a frente.

Ele pegou-lhe nas mãos e fê-la rodopiar.

— Mas já está a dançar.

— Não muito bem.

Ele ergueu a sobrancelha.

— Isso é verdade.

Minerva fez uma vénia para o canto errado, colidindo com a senhora à sua esquerda. Desculpou-se, sem fôlego, à senhora, e exagerou na correção do passo — e pisou o pé do Lorde Payne.

— Deus do céu — disse ele entre dentes cerrados, segurando-a perto do seu lado enquanto se moviam para a frente e para trás. — Não estava a exagerar.

— Eu nunca exagero. Não tenho emenda.

— Claro que tem emenda. Pare de se esforçar tanto. Se vamos conseguir fazer isto, tem de me deixar liderar.

A dança separou-os, e Minerva ficou sem equilíbrio. Tentou convencer-se de que isto significava que ele tinha concordado com o seu plano. Levá-la-ia à Escócia, porque a escolheu. Escolheu-a em vez de Diana. Por que outro motivo se ofereceria ele para dançar com ela, se não para criar a impressão de que havia uma certa atração entre ambos? Mas os pensamentos dela foram rapidamente interrompidos por passos barulhentos e rabeças frenéticas.

Ela bamboleou durante outra série de passos. Em seguida vieram uns bonitos compassos em que ela não tinha de fazer nada a não ser ficar de pé quieta e bater palmas.

A seguir tinha de avançar. Para ele.

Ele puxou-a para junto de si. Indecentemente junto.

— Diga ai — murmurou ele.

Ela ergueu o olhar e pestanejou para ele. O quê?

Ele beliscou-lhe o interior sensível do braço, com força.

— Ai! — exclamou ela. — Porque é que fez...

Ele enfiou o braço à volta da cintura dela. Depois fletiu-o, fazendo-a tropeçar. Os óculos dela ficaram tortos.

— Que foi que disse, Menina Highwood? — disse ele em voz alta, teatralmente. — Torceu o tornozelo? Que pena.

Uns momentos depois, levou-a a mancar pela porta vermelha da frente da Touro e Flor. Deram alguns passos para se distanciarem na entrada. Ele apressou-a de tal maneira que o sapato dela apanhou uma pedra e ela tropeçou a sério.

Ele apanhou-a mesmo antes de o joelho tocar na relva.

— Magoou-se?

Ela abanou a cabeça.

— Só o meu orgulho é que está ferido.

Ele ajudou-a a recuperar o equilíbrio. Mas não a largou.

— Aquilo não correu como eu planeei. Não sabia da sua... dificuldade em dançar. Se soubesse, teria...

— Não, tudo bem. Isto é bom. A dança, nós sairmos dali. Você... a abraçar-me à vista de todos. — Ela engoliu em seco. — Tudo ótimo.

— Sim?

Ela anuiu.

— Sim.

Os braços dele de facto sabiam bem, a envolverem-lhe a cintura. E a emoção complexa e ferosa nos seus olhos castanho-claros estava rapidamente a reduzir a inteligência dela. Mais um minuto assim, e ela tornar-se-ia uma verdadeira pateta.

Ela olhou de relance para a porta. Alguém iria certamente segui-los. Ou espreitar pela janela, pelo menos. Não estavam minimamente preocupados com a reputação dela? Ou com o tornozelo dela, quando muito? Alguém tinha de os ver juntos, para poderem fingir uma fuga convincente. Caso contrário, este abraço perigoso e confuso não serviria para nada.

— Porquê? — perguntou ela, incapaz de se conter. — Podia ter escolhido a Diana.

— Lá isso é verdade. E se eu decidisse casar com ela, você não me conseguiria impedir.

O seu coração batia com tanta força no peito que ela tinha a certeza de que ele o ouvia.

— Mas escolheu-me esta noite. Porquê?

A boca dele esboçou um sorriso irónico.

— Quer que eu explique?

— Sim. E seja sincero, não... — *Não como na noite passada.*

— Sincero. — Ele cismou na palavra. — Para ser sincero, a sua irmã é bonita, elegante, reservada, amável. É fácil um homem olhar para ela e imaginar uma vida inteira a desenrolar-se à sua frente. Casamento, casa, porcelana, filhos. Não é uma noção desagradável. Mas parece tudo muito resolvido e assentado.

— E quando olha para mim? O que é que vê?

— Para ser sincero? Quando olho para si... — Ele afagou-lhe o fundo das costas com o polegar. — Penso para mim mesmo assim: Só Deus sabe que provações me esperam.

Ela contorceu-se no abraço dele, a empurrá-lo.

— Largue-me.

— Porquê?

— Para que lhe possa bater.

— A menina pediu-me que fosse sincero. — Ele riu-se, mas manteve-a junto a si. — Esta... esta hostilidade é precisamente aonde eu quero chegar. Não, você não é do tipo bonito, elegante e previsível. Mas não se preocupe, Marissa. Há homens que gostam de ser surpreendidos.

Marissa?

Ela fitou-o, horrorizada. E excitada. E horrorizada por estar excitada.

— Você. É. O pior...

Soou uma campainha. A porta da Touro e Flor abriu-se de rompante, e uma mão-cheia de raparigas da aldeia a rirem-se cambalearam em frente, acompanhadas por uma onda de música e alegria. Minerva susteve a respiração. Se as raparigas se virassem nesta direção, ela e Payne seriam vistos. Juntos.

— Surpresa — sussurrou ela.

Depois pressionou os lábios contra os dele.

SPINDLE COVE É UMA VILA PARA DONZELAS EM RISCO DE SEREM SEDUZIDAS PELOS CAVALHEIROS ERRADOS.

Minerva Highwood, uma inteligente e determinada geóloga, habitante de Spindle Cove, está a planear uma viagem à Escócia para apresentar uma grande descoberta num simpósio de relevo. Mas uma mulher solteira e de boas famílias não pode viajar sozinha. E só uma pessoa a poderá ajudar.

TORNOU-SE TAMBÉM O LAR DE UMA PEQUENA MILÍCIA DE SOLDADOS INCORRIGÍVEIS.

Lorde Colin Payne, um conhecido libertino, está ansioso por voltar a Londres, agora que a guerra acabou. Porém, sem dinheiro, não tem como sair da vila. Minerva Highwood tem a solução para o seu problema, mas para isso ele terá de a acompanhar até Edimburgo.

ESTÃO REUNIDOS OS INGREDIENTES PARA UM VERDADEIRO ESCÂNDALO.

Estes parceiros improváveis embarcam numa viagem de quase 700 quilómetros, tentando convencer as respetivas famílias de que estão apaixonados e que fugiram para casar. Ao longo de sete dias, eles terão de partilhar uma carruagem e... uma cama, sem se matarem. Será que vão conseguir chegar ao destino inteiros? Ou ficarão perdidos de amor pelo caminho?

DA MESMA AUTORA, PARA LER E SONHAR:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-972-8592-18-9



9 789728 592189

Ficção Romântica